

Maria na espiritualidade do Pe. Gaspar

Pe. Benedito Andrade Bettini, CSS

A Congregação está sob o patrocínio dos Santos Esposos Maria e José. Os confrades vêem neles o modelo da íntima comunhão com Cristo e os honram conforme nossa tradição. (Const. 11)

Pe. Silvano Controne, css, escreveu um trabalho sobre “Nossa Senhora e Bertoni”, que vamos seguir para as nossas reflexões. Começa dizendo que a primeira escola onde Gaspar colheu o amor a Maria, foi sua piedosa mãe Brunora. Aprendeu em casa. É no berço que se plantam em nossa raiz os traços mais profundos de nossa personalidade, de nossas tendências, de nossos hábitos indelévelis.

Na catedral de Verona solenizavam Nossa Senhora do Povo e a Anunciação. A cidade inteira participava desde longa data atingindo todas as famílias.

O Pe. Luís Fortis, sj, professor na Escola Municipal de S. Sebastião, foi seu primeiro guia espiritual (ano de 1785). Deixou grandes marcas na espiritualidade de Gaspar, incluindo, como é natural, o devotamento a Nossa Senhora, tradicional na Companhia de Jesus. Pe. Joaquim Avesani, sj, diretor da escola e da Congregação Mariana, distinguia-se como ardoroso apóstolo da juventude, na qual irradiava o amor a Maria.

No domingo 26/04/1789, depois de dois meses de noviciado “ad hoc” e de um adequado curso de exercícios espirituais inicianos, foi celebrada a cerimônia da entrada de Gaspar na Congregação Mariana de S. Sebastião. O congregado mariano fazia uma profissão de fidelidade e amor a Maria. A fórmula usada é uma verdadeira consagração, que supõe uma escolha de vida feita à luz de Maria. É a seguinte: "Santíssima Virgem Maria, mãe de Deus, nós, embora indignos de ser vossos servos, contudo movidos pela vossa admirável ternura para conosco, e pelo desejo de servir-vos, vos escolhemos hoje, em presença de nosso anjo da guarda, de S. Luís Gonzaga, nosso especial advogado, e de toda a corte celeste, por nossa particular senhora, advogada e mãe. Firmemente propomos servir-vos sempre e fazer o que estiver ao nosso alcance para que outros também vos sirvam. Propomos com empenho observar as normas desta vossa Congregação, e em tudo comportar-nos sempre como verdadeiros e amorosos filhos vossos. Portanto, vos suplicamos, mãe terníssima, queirais receber-nos hoje no número destes vossos congregados em PERPÉTUA SERVIDÃO, e vos rogamos nos sejais sempre favorável alcançando-nos que, na linha de nossos pensamentos, palavras e atividades, nunca cheguemos a ofender o vosso olhar e o do vosso divino Filho. Lembrai-vos de nós e não nos abandoneis na hora de nossa morte. Amém."(Nello vol. I, p. 208)

Os Estatutos rezavam: "Todos os congregados assumirão como um dever de honra, a devoção a Maria como filhos e servos seus, e como pessoas inteiramente consagradas a ela. Em força disto se empenharão não só por venerá-la, honrá-la e amá-la com particular desvelo, mas se esforçarão por imitar através da integridade da vida e dos costumes, os exemplos de suas eminentes virtudes. Mais. Por meio de

freqüentes e piedosas conversações em nível espiritual, incentivar-se-ão a crescer no seu amor e respeito, e a despertar em seus ânimos um verdadeiro desejo de promover-lhe o culto, a honra e a glória" (Nello vol, I. p. 205).

Em honra de Nossa Senhora, era prescrito ao Congregado a oração cotidiana do Ofício de Maria ou o Terço, a comunhão em suas principais solenidades (não havia ainda chegado Pio X, o papa da comunhão freqüente). No sábado, o canto das Ladainhas ... e outras práticas pessoais deixadas à iniciativa de cada qual.

O Congregado Mariano abraçava uma vida de intensa fidelidade a Deus nos moldes de Maria. Para Gaspar o quadro da imitação de Maria incluía:

- um trato íntimo com Jesus e Maria na meditação e oração assídua;
- amor e doação ao próximo, especialmente na assistência aos doentes;
- fidelidade aos deveres de estado e dedicação ao estudo como meios de aperfeiçoamento integral.

Quando entrou na filosofia, procurava sempre levar seus companheiros à alegria e à prática das virtudes. Organizava e dirigia pequenos concertos musicais e jogos esportivos, que sempre fazia terminar à cabeceira de um doente ou aos pés do altar. É que em 1796, o Pe. Pedro Lombardi fundou os "Irmãos Hospitaleiros" para todo tipo de assistência aos enfermos nos hospitais. A fim de imitar mais de perto a doação de Maria, o nosso Gaspar filiou-se como auxiliar voluntário dos hospitaleiros para, nas horas livres, dar sua ajuda nas enfermarias ensinando a doutrina aos doentes e dispondo-os aos sacramentos. Quando, por revezamento, cabia-lhe a assistência noturna, passava a noite ao lado dos enfermos, estudando ou rezando; nunca usou a cama que ficava à sua disposição.

Eram tristes e difíceis os tempos com sucessivas lutas sangrentas entre franceses, de Napoleão, e austríacos, sendo Verona o campo central das operações bélicas. O nosso seminarista já mostrava aos outros como é que um homem de Deus devia ver a crise ocasionada por esses acontecimentos. Para ele TEMPOS MAUS eram OPORTUNIDADES DE HEROÍSMO e CAMPO ABERTO AO EVANGELHO.

Ordenado padre, sua vida continuou a ser marcada pela presença materna de Maria. Isto vinha de muitos anos atrás. Uma das "Regras fundamentais de vida" de seu outro conselheiro espiritual, Pe. Nicolau Galvani estabelecia: Depois de Deus, a Virgem Maria ocupará o primeiro lugar no seu coração. Nunca a perderá de vista, custe o que custar. Procurará inflamar-se cada dia mais em sua devoção ... Rezará diariamente o TERÇO costumeiro. Em cada necessidade própria ou alheia, pequena ou grande, invocará seu poderoso auxílio. Preparar-se-á para celebrar suas solenidades com novenas nas quais preferirá servir-se de alguma devota meditação relativa ao mistério celebrado, e de algum afetuoso colóquio, mais do que de frios amontoados de orações vocais. Cada semana, particularmente às sextas feiras, lembrar-se-á de fazer alguma mortificação em sua honra ou alguma prece em seu altar. Isto tudo com prudente atenção ao estado de saúde física, procurando mortificar o espírito e a vontade mais do que o corpo e a saúde" (Nello vol. 2, p 24).

Já na casa dos Estigmas, Gaspar mantinha com os fiéis um calendário rico de comemorações marianas, conforme nos transmite o Pe. Modesto Cainer: o

Patrocínio de Maria, a Imaculada Conceição, a Purificação, Nossa Senhora das Dores, a Anunciação, a Assunção, o Coração de Maria, Nossa Senhora do Povo, o Nome de Maria, Nossa Senhora do Rosário e alguma outra; mas de modo especial, os Esponsais de Maria e José. Dentro do plano da salvação, Pe. Gaspar via o papel de Maria associado ao de José. Realmente a maior parte da vida e das atividades deles desenvolveu-se no âmbito do quadro familiar onde os dois foram unidos por Deus a fim de protegerem a Vida das vidas (Jesus) e prepararem, como diz o Pe. Marani, no panegírico dos Santos Esposos de 1849, prepararem a Hóstia a ser imolada para a salvação do mundo.

Cresceu em Gaspar o conhecimento e a devoção ao santo patriarca José, com a prática popular do mês que lhe é consagrado, seguindo o livro muito em voga no tempo "Mês de Março consagrado a S. José", editado havia pouco tempo, e na direção espiritual do Instituto da Sagrada Família, de Leopoldina Naudet.

Cultivou com zelo e interesse a devoção aos Esponsais de Maria e José pelo significado que lhes cabe como exemplo da vida conjugal e familiar, e modelos de inteira doação à pessoa de Jesus e modelos de mística união com Deus.

Maria e José são os guias e os anjos tutelares da obra que a Providência colocou nas mãos de Gaspar. Escreve o Pe. Nello vol. 6, p. 241: "São eles que presidem a tudo, eles que como os reais fundadores e diretores fecundam o germen (da Congregação) e garantem seu desenvolvimento. Só assim, podemos explicar aquela absoluta desapropriação do direito e do título de fundador por parte de Gaspar. Quando em 1816, o Pe. Nicolau Galvani lhe entregou a Igreja dos Estigmas, ele não a viu, apenas, como lugar adequado para iniciar uma Congregação, mas antes, como um espaço a ser oferecido à obra dos Santos Esposos, seus verdadeiros fundadores e promotores".

Expressões da devoção

Engana-se quem julga bastar-lhe a devoção interior. Todos sabemos que os sentimentos do coração necessitam exteriorizar-se em gestos ou palavras. E também sabemos que todas as nossas manifestações exteriores são vazias de significado se não vierem animadas pelo sentimento interior. Falando do "culto externo" em 5/10/1806, Pe. Gaspar ensinou: "Devoção externa desvinculada do coração é cadáver da devoção. A alma da devoção é o coração!" Ele chamava à atenção dos padres sem exercícios exteriores de devoção. Dizia-lhes: "Convém ao padre unir-se aos outros fiéis devotos e cultivar as boas práticas em uso na Igreja, sem deixá-las aos leigos e às mulheres devotas. Assim, por exemplo, a visita ao Santíssimo, a Via Sacra, o Terço ... de que os padres fogem" (Nello vol. 2, p. 25).

O TERÇO. Nossa Const. 39 reconhece: "... Expressões tradicionais de nossa oração cotidiana são, além da celebração da Eucaristia e da Liturgia das Horas, a meditação pessoal durante meia hora, a leitura espiritual, O TERÇO ou outra prática em honra da Virgem e a visita ao Santíssimo Sacramento".

O terço foi uma constante prática de oração em toda a vida de Gaspar, a partir do exemplo de sua santa mãe. Depois, no seu longo tirocínio como congregado mariano. Desde jovem sacerdote infundia no coração dos mais fiéis oratorianos o

amor ao Terço onde os ensinava a falar com o Pai, com Nossa Senhora e a meditar os mistérios de Jesus.

A 4/10/1807, fez um sermão sobre o Rosário: seu valor como oração, a nobreza de sua origem, a perfeição intrínseca que o distingue, a autoridade muito segura que o promove. Palavras dele: "Eis, portanto, no Rosário uma devoção nobre pela origem perfeita em sua natureza e confirmada pela autoridade dos melhores testemunhos e prodígios. Vede a excelência sublime dessas rosas místicas... dos Jardins celestes, transplantadas no campo fértil da Igreja... que confundem a insensata e vã sabedoria do mundo."

Pe. Lenotti refere: "Embora sempre enfermo ao falar com alguém o Pe. Gaspar se apresentava habitualmente cortês e afável. Forçado a passar muitas noites acordado em conseqüência de suas prolongadíssimas enfermidades, rezava orações diversas, o Terço e jaculatórias (Summ. Add. p. 144) .

Digna de nota é a confiança do próprio Pe. Gaspar a um padre acamado. É o Pe. Benciolini que escreve. "Uma vez, indo (Pe. Gaspar) em visita a um companheiro doente, como remédio para não se cansar demais, aconselhou-o a rezar a Ave Maria, mas ditando-a como também eu costumo fazer (disse ele) quando não consigo dormir. Rezo o Terço, mas medito as palavras da Ave Maria, ocupando uma hora ou mais em cada uma. O mesmo faço com o Pai Nosso. Assim as noites passam". (Summ Add. p.188).

Outro testemunho de valor é o do Pe. Giacobbe... "acima de tudo, inteiramente recolhido, orava e meditava dia e noite. Invocava freqüentemente os nomes de Jesus e de Maria. Honrava sempre a Mãe de Deus rezando o Terço, que conservava debaixo do travesseiro. No ardor de santos e sublimes afetos, a mente e o coração repletos das coisas de Deus, o meditar era-lhe algo de espontâneo e familiar; uma necessidade, ou, permito-me dizer, uma segunda vida. E o que é para mais se admirar, aquelas orações mais comuns (Ave Maria, Pai Nosso...) que, para a maioria das pessoas passam irrefletidas e estéreis de afetos, para ele eram fonte de santas e sempre novas meditações. Ele mesmo confiou a um irmão assistente que a meditação da Ave Maria bastava para ocupá-lo horas a fio e mesmo a noite inteira... "E isto, de fato, aconteceu muito nos longos anos de seu martírio, até nas noites que precederam sua agonia. No seu Rosário encontrava força e consolo.

No Memorial Privado de 11/10/1808 anotou: "Clareza de mente no estudo. Afeto no Terço". Refere-se aqui ao estudo normal de um padre; estudo que ele sempre sobrenaturalizava; e o Terço que era como o respiro natural de sua vida de oração.

O MÊS DE MAIO. Do mês de Maria já praticado como congregado mariano, ele fez um tempo forte de oração nos Oratórios e na igreja dos Estigmas. Seu primeiro biógrafo, Pe. Caetano Giacobbe, afirma: ... "no transcorrer do mês de maio, que para os alunos da escola era consagrado a Maria, alegrava-se de vo-los dedicar-se inteiramente a ela" (Summ. Add. p. 212). Meia hora antes do término das aulas, durante todo o mês, Pe. Gaspar reunia os alunos diante do altar de Nossa Senhora falando alguns minutos com o coração transbordante de amor por ela e pela juventude, que o ouvia com prazer. Dirigia alguma oração e marcava alguma ação boa que todos se empenhavam por executar até o dia seguinte, em

homenagem à Mãe de Jesus. Encerravam o culto cantando as Ladainhas de Nossa Senhora (Summ. Add. p. 390). Estas flores espirituais oferecidas pelos alunos nos 31 dias de maio, o mais das vezes consistiam em praticarem com toda a fidelidade os próprios deveres e as virtudes domésticas. E era grande a satisfação dos pais, que não se cansavam de o testemunhar e agradecer a Deus.

IMAGENS, RELÍQUIAS, BÊNÇÃOS, ORAÇÕES. Pe. Gaspar utilizava-se de tudo o que se inseria legitimamente nas expressões da devoção popular. Assim, à morte do pai (26/12/1813) quis conservar dois quadros tradicionais na família. Um, de Nossa Senhora com o Menino Jesus nos braços, outro, do encontro de Jesus com a Verônica (Nello vol. 3, p. 558).

Em outubro de 1823, estando ele muito doente, a Naudet lhe mandou um pedacinho de um véu tocado numa imagem milagrosa de Maria, aconselhando-lhe o uso para obter a cura. Ele respondeu: "Agradeço a caridade daquele véu ... e me recomendo muito às suas orações" (Epist. p.164).

Eram muitas as pessoas que recorriam à bênção do santo ancião, confiadas em seus méritos. Pe. Gaspar nunca ligou para esta consideração e sempre tinha o cuidado de explicar: "Oh, é Nossa Senhora, sim, Nossa Senhora é que irá dar a sua bênção". Logo dizia uma oração da Igreja, para que só de Deus e de seus santos a pessoa esperasse a graça implorada" (Summ. Add. 551) .

Em 1852, Pe. Francisco Falezza visitando a Pe. Gaspar como costumava, participou-lhe que Dona Maria Madalena Tarlarini estava rezando muito a Nossa Senhora pela conversão do marido Jorge Radius, protestante. Pe. Gaspar disse-lhe com toda a convicção: -"Continui, continui essa senhora a pedir à Virgem Maria. Se perseverar nessa oração, fique certa de que alcançará sem sombra de dúvida". Quatro anos depois o senhor Radius reconciliou-se com a Igreja (Nello vol. 6, p. 451).

Nos Oratórios quer masculinos, quer femininos, fundados sob sua orientação, a devoção a N. Sra. era um distintivo. Seja dito de passagem que Pe. Gaspar orientou a criação do Oratório feminino no colégio da Naudet. Mais tarde, também em S. Paulo e em S. Firmo. Os Estatutos do Oratório impressos pelo Pe. Gaspar em 1832, recomendam a consagração a Maria todos os dias.

O P. Brasciani, SJ, tem esta convicção: ... "como foi extinta em Verona a Congregação dos Servos de Maria, N. Sra. suscitou este seu novo Filipe Benizzi, a fim de reavivar sua devoção". (Summ. Add. P. 207)

Verdades de fé

MATERNIDADE DIVINA. No sermão sobre o Nome de Maria (15/9/1805) ele proclama: -"Maria com toda propriedade deve ser chamada Mãe de Deus. É uma verdade de fé definida pelo Concílio II, de Constantinopla, porque desde o primeiro instante da concepção de Jesus, tendo sido a natureza humana assumida pela Pessoa Divina, podemos verdadeiramente dizer que Deus foi concebido e nascido da Virgem Maria".

Prossegue, Pe. Gaspar, afirmando que N. Sra. tem sobre seu Filho Divino um direito maior que o das outras mães em relação a seus filhos. E isto porque Cristo

nasceu só de mãe; e o amor que nos outros é dividido entre pai e mãe, em Cristo está unido e concentrado inteiramente na mãe. Ora, sendo mãe de Rei, ela é Rainha... A carne de Maria é a mesma de Jesus, um só é o espírito, um o amor. E do momento em que lhe foi dito "O Senhor é contigo" (Lc 1,28), tornaram-se inseparáveis a promessa e o dom ... A glória do Filho redundava em glória da Mãe... Tanto, pela dignidade de Mãe de Deus, foi exaltada acima de todos os coros dos Anjos, quanto, a sua pureza, supera, com indizível vantagem, a desses puríssimos espíritos".

IMACULADA CONCEIÇÃO. Faltava um ano e meio para a definição do dogma quando Gaspar morreu. Mas ele nunca duvidou dessa crença universal que enobrece a Virgem. Ele não podia supor que esta criatura pudesse ter passado um instante na ira de Deus. Ele sempre a invocou, reverenciou e honrou como concebida sem a mácula original. (Summ. Add. p. 510)

Numa meditação aos seminaristas, ele dirige a Nossa Senhora esta súplica: - "Virgem Santíssima, Imaculada, vós que prevenida pela graça, na vossa conceição fostes livre da fome do pecado, pela vossa intercessão livrai-nos dos tristes efeitos da concupiscência, principalmente da soberba" (Nello vol. 3, p. 345).

A 2/2/1849, Pio IX, isolado em Gaeta, publicou a encíclica "Ubi primum" preparando o caminho para o dogma da Imaculada Conceição. Nomeou uma comissão de estudo. Pediu o parecer de todos os bispos católicos do mundo, e orações de todos os fiéis. Este documento encheu de consolação os padres dos Estigmas, que aderiam a essa verdade com entusiasmo. Pe. Gaspar já rezava todas as manhãs a consagração a N. Sra., venerava o painel do altar da Imaculada, e, ao Oratório anexo aos Estigmas, deu o nome de Conceição em homenagem a esse mistério (Stofella, "Il Ven. Gasp. Bertoni p. 270).

O padre Giacobbe descreve a exultação de alegria do P. Gaspar à notícia de que os bispos do mundo inteiro responderam à encíclica rogando ao papa que premiasse a expectativa de todos os católicos com o pronunciamento formal da verdade sobre a Imaculada Conceição. Podemos imaginar quais teriam sido as expansões de alegria se Gaspar estivesse vivo no dia 8/12/1954, dia da definição oficial. (Summ. Add. p. 510)

Pe. Gaspar tornou sua, esta oração, que considerava uma jóia de raro valor ascético, na qual se faz a entrega de todo o ser a Maria.

"Bom dia, minha Mãe, dai-me a vossa bênção. Abençoai a mim e todos os meus queridos. Dignai-vos oferecer a Deus tudo o que hoje tenho de fazer e de sofrer, em união com os vossos méritos e com os do vosso Filho Santíssimo. Ofereço-vos e vos dedico todo o meu ser e tudo que me pertence, para o vosso serviço. Ponho-me inteiramente debaixo do vosso manto. Impetrai-me pureza de mente e de corpo com a graça de não fazer neste dia, coisa alguma que possa desagradar a Deus. Eu vo-lo suplico pela vossa Imaculada Conceição e intata virgindade."

Oração digna de S. Luís Maria Grignon de Monfort, que era seu excelente "Tratado da Verdadeira Devoção a Maria", ensina magistralmente a "escravidão a

Maria". Aquele "Bom dia" supõe Maria, a mãe de família, sempre ali dentro de casa, a primeira que se vê ao despertar!

Na meditação de 25/11/1810, aos seminaristas, disse: -"Cristo é nosso prêmio e nossa vida, o último fim ... Maria, nossa Medianeira, para alcançarmos e achegarmo-nos a seu Divino Filho".

Observa com muita felicidade o Pe. Controne: "Embora Pe. Gaspar não seja um grande teólogo especulativo, teve estupendos arroubos de fé e de amor a Maria, porque não os elaborou com o material da racionalidade, mas os sentiu nascer espontâneos da "sabedoria do coração" de quem viveu no calor do aconchego materno".

Conclusão

A corajosa aventura do Pe. Gaspar prossegue nos seus continuadores dentro da Congregação. Basta-nos ouvir o Pe. Marani: -"Quem tiver dado seu nome a esta Congregação, porá sempre diante dos olhos a Virgem Maria, e S. José para aprender deles:

- o amor à pobreza
- a aplicação à oração e meditação
- a prontidão na obediência, também, no que houver de difícil e contrário à nossa natureza
- a caridade com o próximo, por cujo bem espiritual deverá selar mesmo à custa da vida" (C. S. 2 p.115)

§§§

Dados do Autor:



Pe. Benedito Andrade Bettini nasceu em Dois Córregos, SP, em 17/09/1927. Foi ordenado Sacerdote da Congregação dos Sagrados Estigmas, Província de Santa Cruz, Brasil, em 08/12/1953.

Durante sua vida sacerdotal, juntamente com as funções de Vigário Paroquial, tem exercido a função de Historiador dos Estigmatinos e responsável pelo Memorial da Congregação no Brasil.

É também o tradutor de grande parte das obras do idioma Italiano para o Português.

São de sua autoria diversos opúsculos sobre a vida e espiritualidade de São Gaspar Bertoni.

Recentemente, em 08/12/2003, ele celebrou seu Jubileu de Ouro Sacerdotal.

+++

Editoração Eletrônica:

Pe. Ésio Fernando Juncione, CSS